

ESPORTE EDUCACIONAL COMO TRANSFORMADOR DO COMPORTAMENTO SOCIAL DE ADOLESCENTES

Janaina Rodrigues de Almeida¹
Adriano José Rossetto Junior²

Resumo

Objetivou-se diagnosticar possíveis mudanças de comportamento social de jovens do Projeto Social Rexona/Ades de Voleibol. Aplicou-se, na coleta de dados, questionários abertos em 34 alunos de 13 a 18 anos, participantes há no mínimo seis meses e entrevistou-se 10 pais de alunos. Os resultados demonstraram mudanças no comportamento social: maior responsabilidade, melhor interação social e convívio familiar, diminuição da agressividade e violência nas relações interpessoais e desenvolvimento da autoconfiança. Constatando-se o papel do esporte no desenvolvimento social e moral e explicitando suas possibilidades como fator socializador, amenizando índices de agressividades e violência, contribuindo para a inclusão social e cidadania.

Palavras chaves: *Esporte-educacional, projeto sócio-educativo, comportamento social.*

INTRODUÇÃO

As organizações sociais vivem em constantes transformações e a rapidez com que as informações chegam garantem mudanças de comportamentos, condutas e valores. Valores que faziam do trabalho a referência mais importante, foram substituídos por valores associados ao consumo (SASSEN, 1991, *apud* ZALUAR, 1997). Esse consumo, muitas vezes exarcebado das classes dominantes que ostentam o luxo e a riqueza, contrasta com a pobreza e a desinformação da maioria da população que passa a viver à margem da sociedade, onde para suprir seus desejos e necessidades básicas passam a roubar, matar e morar nas ruas.

Valores éticos e humanos se perdem nesse vasto mar de desigualdade social e em meio a tudo isso as crianças são as mais atingidas, pois para ajudar no sustento da família trocam à escola por trabalhos precoces. Agravante desta situação é o tráfico de drogas, cada dia mais crescente, aliciando crianças, jovens e adultos das camadas mais pobres para suas organizações, oferecendo o que a maioria dos favelados classifica de “dinheiro fácil” (ZALUAR, 1997). Carentes de necessidades básicas e estruturas de saneamentos, essas regiões apresentam altos índices de criminalidade, violências e tráfico de drogas. Muitas crianças e jovens se enveredam por estes caminhos na busca constante de poder local e símbolo de virilidade (ZALUAR, 1997).

Seduzidos por esse “dinheiro fácil”, cada vez mais abandonam as escolas e, muitas vezes, seus familiares, passando a serem rotulados como excluídos da sociedade. Os excluídos se sentem inferiorizados e recebem o estigma de incompetentes ao qual reagem com aceitação vergonhosa ou atos de revoltas e violência (GUARÁ, 2003). As crianças rejeitadas são mais agressivas, sem habilidades sociais e não cooperativas, tendem a interpretar o comportamento dos outros como hostil e por serem rejeitadas pelos colegas e sociedade, muitas vezes, são empurradas para grupos com iguais características, normalmente outras crianças agressivas ou delinquentes (BEE, 1996).

Na adolescência este quadro pode se intensificar, pois o adolescente está assimilando uma grande quantidade de novas experiências físicas, sociais e intelectuais

¹ Graduada em Educação Física – Instituto Esporte e Educação

² Mestre em Educação – Instituto Esporte e Educação e UGF

causando-lhe estado de desequilíbrio e ocasionando um período de negativismo, quando a busca pela independência gera mais conflitos com os pais (BEE, 1996).

A desestrutura familiar é um fator onipresente na vida da maioria das crianças desfavorecidas, os pais sem condições de estruturar suas famílias se tornam violentos, viciados e alcoolizados, aumentando o abismo existente entre eles, sem diálogo, afeto e educação (ZALUAR, 1997).

A convivência fica cada vez mais distante com a correria e praticidade do dia-dia. As pessoas hoje se comunicam por computadores, cortando os vínculos de proximidade e afetividade, substituíram a palavra amizade por *network*. Sites de relacionamentos promovem encontros, namoros e relacionamentos distanciando as pessoas do tocar, sentir e do sensibilizar-se com o outro, cedendo espaço a intolerância, falta de diálogo, desrespeito e a impaciência (CORTELLA, 2003).

Espalhados pelo mundo encontram-se grandes grupos denominados organizações não-governamentais (ONGs), que preocupados com esse quadro, se mobilizam em ações sociais (algumas ainda assistencialistas) para tentar amenizar essa situação, visando responder as demandas crescentes das comunidades (GUARÁ, 2003). As ONGs trabalham em ação complementar a escola, algumas utilizando o esporte numa abordagem educacional, com objetivo de mobilizar grupos, ensinando-lhes condutas, atitudes de convivência e formando opiniões para reestruturar costumes e valores nas comunidades de baixa renda (HELLENSON, 1985 *apud* PAES, 2001).

Os processos de ensino e aprendizagem nas ONGs tende a estimular o respeito, cooperação, afetividade, diálogo e a ser prazeroso e significativo, pois são armas importantíssimas no processo de reeducação de atitudes das crianças e jovens que tem em seus históricos a violência e a agressividade, como cita Cortella (2003, p.96) “o desprazer gera sofrimento, podendo levar o aprendiz ao famoso aprender na marra”.

Entre as várias ONGs encontra-se o Instituto Esporte e Educação (IEE), Organização Civil de Interesse Público, com o objetivo de desenvolver a cultura esportiva a partir da Educação Física e dos valores do esporte educacional, implantando metodologia de ensino e aprendizagem esportiva sócio-educativa junto à comunidade de baixa renda. O IEE atende no Programa REXONA Ades de Voleibol crianças, adolescentes e jovens de 6 a 18 anos, em programas educacionais esportivos, que conta com a proposta de monitoria das aulas pelos jovens, com a missão de contribuir para a formação do cidadão crítico e participativo, por meio da Educação Física e Esporte, favorecendo o desenvolvimento de comunidades de baixa renda.

A perspectiva do esporte no IEE estimula os educadores e educandos a desenvolverem habilidades e competências além do aprendizado das técnicas e gestos motores, estimulando a ação e a reflexão durante o fazer e compreender. O IEE busca atingir o desenvolvimento integral do aluno, respeitando suas individualidades e proporcionando um ambiente de integração e convivência onde as habilidades do saber, fazer, conviver e ser tenham a mesma importância no processo educacional (ROSSETTO JUNIOR *et. al.*, 2006).

O IEE utiliza o jogo como metodologia de ensino e aprendizagem do esporte educacional. O jogo proporciona alegria e prazer independente de competição, é um instrumento importante nas aulas de Educação Física, que permite ensinar o esporte mantendo a ludicidade, desenvolvendo seus fundamentos básicos e estimulando aspectos do comportamento humano (PAES, 2001). Apresentam possibilidades para o desenvolvimento da coletividade, cooperação, competição, retidão, tolerância, respeito, etc., bem como, o exercício da ação e do pensamento. Os jogos favorecem a transformação, a emancipação, explorando suas regras, complexidades e conteúdos, ao compreender seus significados e seus valores, considerando seus conceitos,

procedimento e atitudes, com intuito de formar opiniões e desenvolver o aluno de forma integral (PAES, 2001). O desenvolvimento integral tem como finalidade a ampliação de todas as capacidades da criança, para que concorram tanto para o sucesso da aprendizagem escolar, quanto para o seu crescimento pessoal e social (GUARA, 2003).

O esporte educação é uma atividade humana no processo educacional, para a formação de pessoas, sendo considerado um caminho essencial para o exercício futuro da cidadania (TUBINO, 2001), tendo como princípios característicos: participação, cooperação, co-educação, totalidade e regionalismo (BARBIERI, 1996).

O **esporte educação** é confundido com o esporte que é praticado nas escolas, que, muitas vezes, tem como finalidade a performance e o descobrimento de talentos esportivos. As competições escolares deveriam ter um sentido educativo, mas ao invés disso ressaltam e reproduzem em suma as competições esportivas de alto nível (TUBINO, 2001), o esporte-educação é um conteúdo estritamente educativo e de caráter formativo onde sua orientação educativa deve vincular-se a três áreas de atuação pedagógica (LIMA, 1987 *apud* TUBINO, 2001), são elas: Integração Social; Desenvolvimento Psicomotor; Atividades Físicas Educativas.

Assim, o esporte-educacional, na sua forma de jogos, cria espaço de reflexão sobre o aprender a fazer e a conviver, possibilitando um aprendizado que pode transcender a quadra e não simplesmente o “fazer por fazer”.

Desta forma, questiona-se se o esporte educacional desenvolvido pelo IEE favorece mudanças das atitudes dos adolescentes, podendo amenizar fatores como agressividade, violência, que levam a depredação? Com o objetivo de avaliar o Projeto Rexona Ades de Voleibol, no Núcleo Marechal Tito, diagnosticar e demonstrar possíveis mudanças de comportamento social de jovens que o freqüentam.

Levanta-se a hipótese que o esporte, na abordagem educacional, constitui-se num excelente recurso pedagógico, estimulando atitudes de convivência interpessoal. Becker Júnior. (2000 *apud* GUARAGNA, PICK e VALENTINI, 2005) afirma que num conjunto de atividades motoras a criança recebe o apoio social dos demais participantes podendo repercutir na diminuição de agressividade.

MÉTODO

O Projeto Rexona Ades de Voleibol do núcleo Marechal Tito encontra-se no bairro do Itaim Paulista. A população é de aproximadamente 40.000 habitantes distribuídos numa área de 12 Km². O núcleo atende mensalmente uma média de 350 (trezentas e cinquenta) crianças e jovens de classe baixa, 90 (noventa) alunos são adolescentes. As aulas são de segunda a sexta-feira, de manhã e à tarde com duração de 1h e 30m, duas vezes por semana. As turmas são divididas por faixas etárias: seis a oito anos; nove e dez anos, onze e doze anos, treze e quatorze anos e jovens de 15 a 18 anos.

A amostra foi constituída por 34 (trinta e quatro) adolescentes de 13 a 18 anos, 16 (dezesseis) meninas e 18 (dezoito) meninos participantes do Projeto Rexona Ades de Voleibol há no mínimo 6 meses e no máximo 3 anos. Estes foram selecionados aleatoriamente por sorteio durante a aula e convidados a participarem da pesquisa mediante a explicação dos objetivos desta. Todos adolescentes freqüentam a rede pública de ensino fundamental e médio e são de classe baixa. Foram entrevistados 10 (dez) pais de alunos do projeto, para responderem sobre o comportamento social de seus filhos.

Empregou-se questionário aberto para os alunos contendo 6 questões elaboradas pelos pesquisadores. As mesmas questões foram feitas aos pais, porém em forma de entrevista, sendo as respostas gravadas em MP3 e transcritas na íntegra.

Os questionamentos foram: 1) O que levou o aluno a se inscrever no projeto? 2) Como era o relacionamento com a família antes da entrada no projeto? 3) Como era o relacionamento com os amigos antes de entrar no projeto? 4) Se o relacionamento com a família e amigos mudou após a entrada no projeto? 5) Se o aluno fez mais amigos após a entrada no projeto e se algo mais mudou em sua vida? 6) Se o aluno continua freqüentando o projeto e por quê?

A coleta dos dados foi feita no local do Projeto abrangendo três turmas de adolescentes, os questionários foram aplicados antes e após as aulas realizadas na quarta-feira (turma 1), quinta-feira (turma 2), e sexta-feira (turma 3), entre os horários de 13h00 as 17h00.

O questionário foi respondido individualmente e a escolha dos alunos foi randômica, efetivada por meio de sorteio, e posteriormente através de um convite feito aos alunos, explicando os objetivos da pesquisa. Os alunos participantes foram encaminhados a uma sala do projeto na qual responderam os questionários sem tempo determinado para a conclusão. A leitura do questionário foi individual e o pesquisador permaneceu no local para suprir as dúvidas. A entrevista com os pais foi previamente marcada, através dos alunos e fora dos horários de aula. O objetivo da pesquisa foi exposto aos mesmos.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No primeiro item do questionário os alunos responderam por qual motivo se inscreveram no projeto. A maioria dos alunos (90%) se inscreveu porque desejavam conhecer pessoas novas e o restante (10%) por gostar do esporte ou para aprender a jogar vôlei.

O relacionamento com os pais (antes de entrar no projeto) segundo 76 % dos alunos sempre foi bom, 22% dizem que era ruim e somente 2% citam que era normal, como em todas as famílias, com algumas briguinhas.

Na questão sobre o relacionamento com os colegas na escola antes do Projeto, 79% apontaram o relacionamento como bom ou normal com os colegas, 20% relataram que era ruim. Mesmo sem questionar os motivos dos relacionamentos serem bons ou ruins, alguns alunos se justificaram dizendo que eram ruins porque quase não tinham amigos, bagunçavam e/ou brigavam com os colegas e não tinham paciências com os mesmos.

Apesar da maioria descrever o relacionamento inter-pessoal, antes da entrada no Projeto, como bom, os alunos indicam que houve mudança no relacionamento com a família e amigos após a entrada no projeto: 32% responderam que mudou, 20% afirmam categoricamente que para melhor, 17% sim e para muito melhor, 11% um pouco melhor, 14% responderam que não mudou nada e 2,9% respondeu que normal.

Mesmo sem questionar os alunos que apontaram alteração nos relacionamentos, eles relataram as razões para estas ocorrerem: aprenderam a conviver com as diferenças, passaram a escutar mais as opiniões dos outros, tornaram-se mais responsáveis e hoje tem mais paciência com os outros.

A seguir a justificativa de um dos alunos sobre a sua resposta: *“Eu brigava muito com os meus pais, discutia, porque não fazia nada, só ficava na rua, andava com más companhias eu e eles bagunçavam muito na escola, eu era tímida para algumas coisas, depois que entrei para o projeto, melhorei bastante, eu era boca suja, depressiva, xingava todo mundo, hoje não sou mais assim (sic)”*.

Grande parte das relações sociais ocorre durante as atividades motoras, e quando estimuladas em grupo proporcionam interação social com outros indivíduos e estimulando a reflexão sobre suas capacidades, sobre a sociedade em que vive e

contribuindo na sua socialização e a sua formação humana (PAYNE e ISSACS, 2002 *apud* GUARAGNA, PICK e VALENTINI, 2005). Por meio da interação social a criança aprende a relacionar-se com outras pessoas adultas e de diferentes sexos, estimulando muitas vezes a alteridade e observando outros comportamentos adquirem novas atitudes. (BANDURA, 1979; PAPALIA, 1998 *apud* GUARAGNA, PICK e VALENTINI, 2005)

Nas entrevistas, 97% dos alunos relataram que no projeto fizeram mais amigos, contribuindo para que se tornassem pessoas mais felizes, mais responsáveis e compreensivas e menos egoístas, evitando as brigas em família e com os colegas, pois passaram a entender a diversidade e a respeitá-los. Os alunos citaram que o Núcleo é bom para conviver com os outros, eles sentem vontade de aprender mais e participam do grupo de monitoria para que possam contribuir com crescimento do Núcleo e dos alunos mais novos.

A partir das respostas obtidas nos questionários e das falas dos entrevistados, verificam-se aspectos abordados sobre o comportamento social dos alunos, que serviram como base para a formação das categorias: aumento das interações sociais, conviver com as diferenças, diminuição da agressividade e consolidação da responsabilidade.

Interação social: Os jovens relataram à evolução nas interações sociais. Entre os benefícios encontramos melhora nos relacionamentos com os pais e amigos, perda da timidez, novas amizades e conviver com as diferenças.

Alguns relatos significativos sobre a interação social na percepção dos alunos e pais. “[...] aprendi a conviver com a diferença das pessoas e me comportar em grupo, sabendo que todos somos diferentes” (*sic*).

“[...] fiz mais amigos e mudou praticamente tudo, era muito egoísta, não aceita a opinião de ninguém, corro atrás dos meus ideais e virei uma pessoa crítica, eu aprendi a escutar mais as outras opiniões, pois era muito egoísta” (*sic*).

Os relatos dos alunos demonstram que as novas amizades e a aproximação com os amigos estimularam transformações positivas em suas atitudes. Problemas específicos se aconselhados durante as atividades motoras podem contribuir na aprendizagem da criança acerca de papéis sociais adequados ao mundo em que vivem, conduzindo-os para as habilidades necessárias para a integração social. (HELLINSON e TEMPLIN, 1991 *apud* GUARAGNA, PICK e VALENTINI, 2005)

O período da adolescência é rotulado como um período difícil, já que os adolescentes passam por transformações físicas, psíquicas e cognitivas. A busca pelos iguais ou parecidos, forma as chamadas panelinhas, onde o jovem procura criar sua identidade e sua auto-identificação como membro de algum grupo específico, seu comprometimento com esse grupo inclui o respeito aos mesmos, assim como seus valores e atitudes positivas ou negativas. O compartilhamento de segredos e sentimentos entre os membros aumenta a harmonia do grupo influenciando seus valores e comportamentos e diminuindo a influência dos pais sobre os filhos (BEE, 1996).

Responsabilidade: Monitoria nas aulas, preparar aulas, preparar e guardar os materiais de aula foram experiências positivas que possibilitaram aos alunos responsabilizar-se por pequenas tarefas. O aumento da responsabilidade foi um benefício importante e notório, descrito pelos pais e pelos alunos.

“[...] depois que ela entrou no Rexona ela ficou mais madura, mais responsável ela melhorou bastante, está vidrada em educação física, foi um incentivo a estudar” (*sic*).

“[...] tem mais responsabilidade, lá no Rexona ela trabalha muito, se dedica muito e fez amizades, bastantes amizades lá no Rexona, antes ela pensava só em

namorar, hoje ela não pensa mais assim, ela mudou bastante depois do Rexona” (sic). (mãe da Joana)

Durante as aulas, os alunos são incentivados a trabalhar em grupo, cuidar dos materiais e serem cooperativos nas atividades. Os monitores são incentivados a serem como professores, se colocarem no lugar dos amigos e serem cooperativos.

“[...] minha vida mudou muito, eu aprendi muitas coisas novas e acho que amadureci muito e também comecei a ter responsabilidade”.

Comprovando-se a assertiva de que durante as práticas motoras, as crianças são desafiadas a assumir níveis mais elevados de responsabilidades, quando se conscientizam em tarefas simples, das responsabilidades individuais e coletivas do dia-dia (HELLINSON, 2003 *apud* GUARAGNA, PICK e VALENTINI, 2005).

Conviver com as diferenças: Por meio da percepção dos alunos, constata-se que através da convivência em grupos distintos, estes passaram a relacionar-se e ter respeito com o próximo.

“Mudei meu jeito de agir, de conversar, meu jeito de pensar também, devo isso a convivência em grupo”.

“[...] eu aprendi a conviver com a diferença das pessoas e me comportar em grupo, sabendo que todos somos diferentes”.

Saber conviver com as diferenças se mostra como um benefício da inclusão entre os jovens. As diferenças, como o nome já diz, não têm sido facilmente compreendidas e menos ainda favorecem o convívio, elas nos remetem a um exercício social profundo de dificuldade. Historicamente, as pessoas diferentes têm sido marginalizadas pela sociedade (KARAGIANNIS *et.al*, 1999 *apud* GUARAGNA, PICK e VALENTINI, 2005). Conviver em grupo é um grande desafio para as instituições, cabe ao educador a intencionalidade de criar um ambiente favorável à convivência em grupo e ao aprendizado significativo. Nas aulas de Educação Física pode-se contribuir para que os alunos atuem em conjunto, desenvolvendo a cooperação e o respeito aos outros e as diversidades, para que com isso consigam resolver conflitos, diferenças e discussões com a mínima interferência do professor (SILVEIRA, 2007). O processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos deve ser significativo e favorecer o sucesso de todos os participantes para que não haja exclusões, o cotidiano prático das aulas transforma os alunos e professores em sujeitos do seu ensinar e do seu aprender tendo a aprendizagem esportiva como um meio à educação e não um fim nela mesmo (TORRES, 2003).

Menor agressividade: Ao longo desses três anos, algumas crianças fizeram algumas referências à diminuição da agressividade.

“Meu relacionamento era muito ruim porque batia nos meus amigos na escola mas a mia família mi ajudou muito comecei a respeita mais os amigos graças ao Projeto do Rexona Ades de voleibol” (sic).

Após o preenchimento do questionário, o aluno responsável por esta resposta conversou informalmente com a pesquisadora e disse que já havia espancado duas professoras da escola. Ao perguntar o motivo dos espancamentos, ele relatou que agrediu por se sentir exposto e humilhado diante dos colegas pelas professoras.

As diferentes ações geradas pelas atividades motoras repercutem na diminuição da agressividade, pois a criança recebe o apoio social dos demais participantes (BECKER JUNIOR, 2000 *apud* GUARAGNA, PICK e VALENTINI, 2005).

Podemos analisar que os alunos que apresentaram mudanças significativas de comportamento eram crianças violentas, introvertidas e com baixa auto-estima. Nota-se em suas respostas, que as mudanças de comportamentos ocorreram por terem recebido mais carinho e pelos novos vínculos de amizade, conseqüentemente, passaram a ser

mais simpáticos, sentindo-se mais queridos, à auto-estima se elevou e tornaram-se mais populares.

Crianças que tem a auto-estima mais elevada são mais simpáticas, altruístas e populares e ao receberem tratamento carinhoso e amoroso da família são favorecidos altos coeficientes de inteligência (QI), durante a pré-escola e a escola primária, tornando-se menos suscetível a delinquência. Já as crianças com níveis elevados de agressão e violência são os menos populares entre os colegas e apresentam baixa auto-estima. Há evidências nas pesquisas que comprovam que essas crianças sofreram ou sofrem algum tipo de violência, em razão do descontrole dos pais, resultando em espancamento, o que para eles representa toda a irritação, raiva, desagrado e rejeição em relação a eles (BEE, 1996).

Os alunos aprenderam, com a alteridade de papéis, a respeitar os professores e colegas da turma, em razão de no programa de monitoria o aluno ministra as aulas e administra os problemas existentes. Para que haja um mínimo de interação social a criança tem que aprender a respeitar os sentimentos, diversidades, opiniões e direitos dos outros, que na percepção dos alunos contribuíram para diminuição da agressividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando começaram as atividades esportivas no Núcleo de Marechal Tito, por várias vezes e diferentes motivos, cogitou-se a possibilidade de fechá-lo, entre os fatores de agravo: violência e constante depredação do local por parte dos alunos, mesmo após um ano de projeto a situação parecia longe de ter um fim. Entretanto, hoje, após três anos de Projeto, em vista dos acontecimentos anteriores, o núcleo encontra-se em paz, constata-se isto pelas respostas nos questionários e pela experiência de quem acompanhou e viveu todo o processo de implantação do projeto na comunidade e com inter-relação com os alunos, pais e moradores. Ainda, encontram-se alguns alunos (poucos) que, de vez em quando, se revoltam e rebelam, mas isto se dá pela própria estrutura social e familiar, tentam chamar a atenção através de palavrões e desrespeito aos colegas e professores, porém nada comparado a antes.

Atualmente é possível observar que há muitas ONGs espalhadas pelo país e, às vezes, nota-se questionamentos sobre a qualidade e intencionalidade destas Instituições. O trabalho a ser desenvolvido nelas consiste numa complexidade de intenções e ações que somadas contribuem para o desenvolvimento integral de crianças e jovens. Afeto, diálogo e principalmente intencionalidade são ferramentas importantes, que associadas ao esporte se mostram em recurso pedagógico rico em possibilidades e importante na formação de atitudes e opiniões.

Assim, constata-se que o Projeto Rexona Ades de Voleibol proporcionou processo de ensino e aprendizagem em que a inclusão e a participação foram elementos fundamentais, que levaram a reflexão e criaram ambiência para mudança de comportamento social, tais como: aumento de responsabilidade, maior confiabilidade, melhor relacionamento com os pais e amigos e menor agressividade. A pesquisa demonstra que a utilização do esporte educacional como fator pedagógico, constitui-se em agente transformador de atitudes e comportamentos de adolescentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, C.A.S. Eco de um gol. In: BETTAR, A.F...[et.al]. **Esporte Educacional: uma proposta renovada**. Recife: Universidade de Pernambuco/ UPE – ESEFMEE/ INDESP, 1996.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médica, 1996.

CORTELA, M.S. Aprendendo na escola e na ONG. In: CARVALHO, M.C.B. **Muitos lugares para aprender**/ Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. São Paulo; CENPEC/Fundação Itaú Social/Unicef, 2003. p.91-102.

GUARÁ, I.M.F.R. Educação, Proteção Social e muitos espaços para aprender. In: CARVALHO, M.C.B. **Muitos lugares para aprender**/ Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. São Paulo; CENPEC/Fundação Itaú Social/Unicef, 2003. p.33-45.

GUARAGNA, M.M., PICK, R.K., VALENTINI, N. C. **Percepção de pais e professores da influência de um programa motor inclusivo no comportamento social de crianças portadoras e não-portadoras de necessidades especiais**. Revista Movimento, Porto Alegre; 11, n.1, p.89-117, janeiro/abril, 2005.

INSTITUTO ESPORTE E EDUCAÇÃO. **História**: disponível em:
<<http://www.esporteeducacao.org.br/historia/historias.htm>>. Acesso em: 23 jul. 2007.

PAES, R.R. **Educação física escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

ROSSETTO JÚNIOR, A.J. ARDIGÓ JUNIOR, A. COSTA, C.M. D`ANGELO, F.L. **Jogos Educativos**: Estrutura e organização da prática. São Paulo: Phorte Editora, 2006.

SILVEIRA, J. **A Educação Física escolar nas escolas públicas e os seus conteúdos**: uma análise sobre a postura dos educadores acerca de seu campo de trabalho. [S.l.: s.ed.: s.d.]. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/arquivos/artigos.doc>>. Acesso em: 18 ago. 2007.

TELLES, V. Direitos Sociais: afinal do que se trata? .In: CARVALHO, M.C.B. **Muitos lugares para aprender**/ Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. São Paulo; CENPEC/Fundação Itaú Social/Unicef, 2003. p.65-73

TORRES, R.M. A Educação em função do desenvolvimento local e da aprendizagem. In: CARVALHO, M.C.B. **Muitos lugares para aprender**/ Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. São Paulo; CENPEC/Fundação Itaú Social/Unicef, 2003. p.81-87.

TUBINO, M.J.G.. **Dimensões sociais do esporte**. 2ºed. São Paulo, Cortez, 2001.

ZALUAR, A. **Exclusão e políticas públicas**: dilemas teóricos e alternativas políticas. São Paulo: Rev. Brás. Ci. Soc, 1997. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_isoref&pid>. Acesso em: 14 jun. 2007.